

Academia tropeça na sucessão de Scliar

DEONÍSIO DA SILVA*

O jornalista Merval Pereira substituiu o escritor Moacyr Scliar na Academia Brasileira de Letras. O que nos diz essa eleição?

Moacyr Scliar é romancista brasileiro de prestígio internacional. O gaúcho de origem judaica soube transfigurar o legado étnico e cultural em romances e narrativas curtas. Pontificou em assuntos de saúde em numerosos outros textos, médico profissional que era.

O candidato derrotado foi o romancista baiano Antônio Torres, escritor cujo perfil estava mais próximo do antigo ocupante: os dois são referência indispensável em nossa prosa de ficção.

**Um escritor
não se
candidataria a
uma academia
de jornalistas
e muito menos
seria eleito no
lugar de um
deles**

O signatário esclarece que nada tem contra o vitorioso, senhor de um texto que o entretém todas as manhãs no jornal O Globo.

Merval Pereira vai somar-se a outros estranhos no ninho. Dizem isso também de José Sarney, mas ele é um romancista e sua presença na Academia

causa estranheza por outros motivos. Não é o caso de Marco Maciel, pois este não tem obra de letras que garanta ali sua presença.

Políticos e diplomatas entraram para a Academia, muitas vezes sem obra alguma. Este não é o caso de Alberto Costa e Silva, autor de obra referencial em nossas letras, em poesia como no ensaio, principalmente nos estudos sobre a escravidão, em que aliou sua notável erudição histórica à sensibilidade do

poeta, captando um profundo sentido do humano em suas pesquisas.

Outros nomes, ainda que não sejam referências em romances, narrativas curtas ou poesias, são presenças que dignificam a Academia e a sociedade brasileira por reconhecimentos que não podem ser negados, como ensaístas, pesquisadores da língua portuguesa e de suas literaturas, como Eduardo Portella, Evanildo Bechara e Domício Proença Filho.

É bonita a presença ali também de pensadores e educadores como Cândido Mendes de Almeida e Arnaldo Niskier, de um historiador como José Murilo de Carvalho. Mas, para as avaliações do público, os escritores do núcleo duro, digamos assim, da Academia, que realmente representam nossas letras, são outros e entre eles estão Carlos Nejar (romancista, poeta, ensaísta), Ligia Fagundes Telles (romancista e contista), João Ubaldo Ribeiro (romancista e cronista), Carlos Heitor Cony (romancista e cronista), Ledo Ivo (romancista e poeta), Nélida Piñon (romancista e contista).

A Academia negou entrada ao poeta e cronista Mario Quintana. E o fez por três vezes. Quem perdeu com isso? A começar, a própria entidade, mas a maior perda é a insegurança que nos causam as instituições que com muita frequência se desviam dos fins aos quais se destinaram desde a fundação.

O jornalista Merval Pereira está fora de lugar. Um escritor não se candidataria a uma academia de jornalistas e muito menos seria eleito no lugar de um deles. Essas confusões empobrecem o Brasil. E empobrecem ainda mais a Academia, que a passos largos, ao evitar ou esquecer tantos escritores, vai ficando cada vez mais distante dos ideais que lhe traçou o fundador, Machado de Assis.

*Escritor, pró-reitor da Universidade Estácio de Sá (RJ)